

§ Vinheta §

[Ronco do motor de moto]

[Freada]

§ Fundo musical animado §

§

§

Olá, tudo bem?

[Mulher]

Entregar pra Leila

no endereço aqui, tá?

Só deixar?

Só deixar.

Obrigada.

Obrigado eu.

§ Fundo musical animado §

§

§

[Ronco de motores]

[Pedro Vicente]

Nos últimos 100 anos

o mundo se motorizou

e o transporte individual

motorizado

se tornou
um padrão controverso.
No Brasil, o número de carros
e motos disparou
nas primeiras
décadas do milênio
graças à economia favorável
aos estímulos do governo
às compras de veículos,
especialmente motos.
Hoje, mais da metade
dos brasileiros
têm pelo menos um carro
ou moto na garagem.
Um sonho de consumo
que traz desafios
como o aumento
da poluição,
a normatização
da perda de tempo
e um dos maiores índices
de mortalidade no trânsito,
com grande contribuição
da explosão do uso de motos
no Brasil, passando de,
mais ou menos,
1,5 milhões nos anos 90
pra cerca de 23 milhões
em 2017.

Esse salto de quase 200%

no tamanho da frota
de motocicletas no Brasil
em menos de duas décadas
adiantou a vida
de muita gente,
mas também trouxe
alguns problemas graves.

Eu tava
pra te perguntar isso
desde que li
o título do seu livro,
"Risco no Trânsito,
Omissão e Calamidade".
Você acha mesmo
que o fenômeno
das motocicletas no Brasil
é uma calamidade?

Infelizmente é.

Porque...

foi feita a introdução
irresponsável
de um novo tipo
de veículo
que é usado em muitos
lugares do mundo,
mas ele causou a morte já
de 240 mil pessoas...
240 mil pessoas?

Isso desde quando?

Nos últimos 15 anos.

E quase 2 milhões

de pessoas

ficaram com algum

problema físico,

incapacidade pra vida toda.

2 milhões de pessoas?

Quase 2 milhões.

É um resultado

que não tem outro nome

a não ser calamidade.

§ Fundo musical animado §

[Pedro Vicente]

Mas por que você acha

que tem tanto acidente?

[Eduardo]

A motocicleta é um veículo

que tem várias vantagens

que podem ser

aproveitadas, né?

Ela é muito ágil,

ela gasta pouca energia,

se você controlar bem,

ela vai poluir menos.

Só que o condutor

e o eventual passageiro

ficam muito vulneráveis

em qualquer situação.

§ Fundo musical animado §

[Gemido de dor]

Um dos problemas foi que
o sistema de educação
de trânsito no Brasil
não foi adequado pra treinar
essa enorme
quantidade de pessoas
que se interessou
pela motocicleta,
principalmente os jovens.
Então, a maior parte
das pessoas não foi educada,
não foi alertada adequadamente dos verdadeiros riscos.

[Reinaldo]

Quebrei mão direita
e esquerda,
braço direito e esquerdo,
perna direita e esquerda,
as costelas
do lado esquerdo todas.
Quebrei clavícula,
quebrei...
Não sei, escápula, né?
Eu quebrei todos.
Só não quebrei o pescoço.

[Wilson]

Fui Office Boy durante
4 anos e meio.

E hoje sou Office Boy
motorizado, né?

[Alecsandro]

O cliente chega
na gente e fala:

"Ó, você consegue
chegar lá tal hora?".

Eu já até falo
pra eles:

"Não tenho horário
pra chegar.

Não posso sair correndo
e sofrer um acidente. E aí?".

[Moto acelerando]

§ Fundo musical animado §

§

[Mulher ao interfone]

Oi?

[Leandro]

Tudo bem? Entrega
pra Leila da Miração.

[Mulher e Leandro]

- Pode entrar. 1o andar.

- Obrigado.

Licença.

[Mulher]

Tudo bom? É só receber?

Obrigada.

Obrigado eu.

[Leandro]

Eu sou o Leo.

Trabalho de moto.

Motoboy... motofrete, né?

Não é mais motoboy hoje.

E tô nessa vida,

acelerando pra ganhar.

§ Fundo musical animado §

§

Ah, eu comecei

na intenção...

Acho que era mais

por causa do salário, né?

Que a maioria dos emprego

era o mínimo.

A moto ia tirar um pouco

mais, acho que foi por isso.

Um mal acho que não é, não,

mas necessário é.

Bastante ainda.

Hoje tem motoboy

até pra levar pão.

Então, tem gente que fica

em casa, o motoboy chega.

§ Fundo musical animado §

[Bruno]

Tem gente que trabalha

20h em cima da moto.

Fica no esporádico ou
num contrato o dia inteiro,
desde de manhã cedo.

Começa a entregar jornal,
depois vai pro esporádico,
pras entregas
durante o dia,
e à noite ainda vai
entregar pizza.

Então, é um trabalho
insalubre.

Não é reconhecido,
você não tem...
nenhuma garantia
do dia seguinte.

Então, as pessoas ficam
psicologicamente abaladas.

Você tem um salário
baixíssimo,
uma profissão que não é reconhecida socialmente.

As pessoas também
te humilham
desde questões base,
de entrar num condomínio,
elevador de trabalhador,
de serviço e não...

Eu acho que junta tudo isso:
uma exploração,
a falta de reconhecimento

social...

e a violência
do trânsito
transformam o cara que esteja
em cima da moto
extravase isso
de alguma forma, entendeu?

[Leandro]

Hoje chegou uma multa.
Velocidade.
Na Radial.
Radial Leste.
Esse negócio de 50 km/h
não dá, não.
Não dá, não.
Se todas as motos
andar a 50 km/h
não tem trampo que saia.

[Reinaldo]

A maioria dos motoristas
são estressados
porque eles
não conseguem andar.
E a gente estressado
porque precisa andar.
E aí acaba tendo
um conflito terrível
entre motorista e motoqueiro,
é complicado.

Hoje, não. Hoje...
Eu falo por mim, né?
Hoje tô mais tranquilo,
tenho um serviço mais calmo,
não preciso andar tanto,
correr tanto,
não tenho tanta
urgência no que faço.
Porque antes, cara...

O motoqueiro, ele era
um profissional.
Hoje é um moleque.
O moleque faz 18 anos
e ele quer fumar um baseado.
Compra uma moto
em 60 vezes...
"Eu sou motoboy".
Se você for ver
nas estatísticas,
é só a molecada
que tá se matando.
Os velhos, eles já
sobreviveram.
Eles sabem o risco
que tão correndo,
sabem tudo que tá passando,
então, tá maneiro.
Mas agora, não.
Você pega moleque
de 18, 20, 23, 24 anos,

tudo...

Hoje são os

"cachorros loucos", entendeu?

Eles não tão lá

porque necessitam,

eles querem a prestação da moto e o dinheiro do baseado.

E fazem loucura

no trânsito

como se tivessem

andando no bairro.

[Leandro]

Igual eu quando comecei.

No primeiro mês, tirei...

2 mil de multa.

Porque não sabe chegar,

não conhece os atalho...

Não entende o guia...

Na minha época era o guia,

hoje é o GPS.

Cuidado aí.

E por isso tem muito

acidente também.

Tem muito moleque novo

que pega as moto

e já se emociona, quer ir

pra rua pra trabalhar.

Porque é

um dinheiro fácil.

E aí acontecem

os acidente.

Agora, um cara mais velho,

é tranquilidade.

[Eduardo]

O fenômeno do motoboy

no Brasil,

a gente

tem que lembrar,

ele é um fenômeno

muito paulistano.

Aqui, por vários motivos,

surgiu uma quantidade

enorme de motoboys.

E gerou, por parte

do governo, da CET,

que toma conta

do trânsito de São Paulo,

um esforço muito grande

pra reduzir os acidentes

que começaram a acontecer.

E esse esforço, por exemplo,

teve um resultado

bem razoável, viu?

Porque... o pessoal que

coordena lá os motoboys,

eles aceitaram

conversar com o governo,

discutir programas

de capacitação, de segurança.

E foi bastante reduzida
a incidência
de acidentes de trânsito
com motoboys em São Paulo.

É muito melhor
do que era antes.

Esse é um exemplo claro
de uma coisa que deu certo.

Só que,
depois dos motoboys,
a sociedade começou a usar
muito a motocicleta também,
e voltou a acontecer
muitos acidentes.

Mas, vem cá. No sentido
de corrigir, então,
essa falta de preparo
que aconteceu,
pra o impacto
dessa nova forma
de mobilidade urbana
que foi a moto...

Como que poderíamos
corrigir isso?

Bom, precisa,
em primeiro lugar,
mudar o sistema de
capacitação dos condutores.

Ser muito mais rigoroso,
muito mais demorado,
para que o novo condutor

de motocicletas

saia com uma outra

visão do problema

e da gravidade

do problema.

Mas, tão importante

quanto isso,

já que a vulnerabilidade

é muito alta,

e ninguém conseguiu

eliminá-la, né?

Você tem que encaminhar

a motocicleta

pra um ambiente

de baixa velocidade

e com poucos

veículos grandes.

Não adianta

também você só

treinar muito bem

todo mundo,

e deixar o cara andar a 120km/h

no meio dos caminhões.

Não vai funcionar.

[Pedro Vicente]

Pois é, mas tem a questão

que a moto só é legal

porque ela te dá

essa agilidade, né?

Se você tirar

a agilidade da moto,

você pode ficar sem sentido.
A moto fica sem sentido.
Mas aí, não tem jeito.
Você tem que escolher entre
a vida ou... a velocidade.

Você teria que aceitar
o fato de que a motocicleta
tem que andar mais devagar.
Se você for privilegiar
essa liberdade que ela dá,
as pessoas vão
morrer muito mais.
A sociedade tem que decidir
se ela quer correr mais...

[Pedro Vicente]

Correr mais ou morrer mais.

[Eduardo]

Entendeu? Tem que ter um...

As pessoas são diferentes,
os grupos sociais, as ideias.

A função que eu acho
importante do estado
é alertar...

e, além disso, criar
ambientes adequados.

[Ronco do motor]

[Eduardo]

Essas são as intempéries
do trânsito, nunca é igual.

[Moto acelerando]

Motores são máquinas
capazes de transformar
energia térmica
em energia mecânica
através da queima
de combustíveis.

A invenção do motor
movido a gasolina
com sua capacidade
de gerar energia
ocupando um volume
compacto e portátil
mudou a história
da humanidade.

[Moto acelerando]

[Pedro Vicente]

A primeira aplicação
proposta
pelo criador
do motor a gasolina,
o alemão
Gottlieb Daimler,
foi um protótipo da máquina
que hoje se tornou
um fetiche planetário:
a motocicleta.

Chamada

"Petroleum Ratwagen",

rodou 13 km antes

de pegar fogo,
em novembro de 1885.
Entrou para a história,
mas ainda não era
bem uma moto.
Com a invenção
do motor a gasolina,
muitos tiveram a mesma ideia,
mas a primeira moto mesmo,
produzida em série,
veio 9 anos depois,
também na Alemanha,
patenteada
"Hildebrand & Wolfmüller"
em 1894.
A segunda marca foi a inglesa
"Excelsior Motor Company",
e a terceira,
a norte-americana "Orient".
Talvez esses pioneiros
não imaginassem
o quanto os brinquedos
construídos por eles
seria um símbolo do paradoxo
que une a rebeldia
e a máquina
que move o mundo.
[Moto acelerando]
§ Fundo musical animado §

§

[Fabricio]

Hoje eu tenho 33 anos,
sou nascido e criado aqui,
na Comunidade do Vidigal.

O primeiro passo
da minha escolha
nessa profissão
foi o fato de ser nascido
e criado aqui na comunidade
e fazer um trabalho que seja,
digamos, remunerado,
mas dentro da minha
própria comunidade.

§ Fundo musical animado §

§

[Fabricio]

99 pra 2000 começou
o mototáxi aqui no Vidigal.

[Pedro Vicente]

São 236 taxistas,
mais ou menos,
atendendo
70 mil pessoas.

E você leva
todo tipo de gente?

Todo tipo de gente.

Gordo, magro,
alto, baixo...

A gente leva
até pessoas com animais.

É. A pessoa que foi levar
o cachorro pra vacinar,
lá embaixo tem um petshop,
tem um veterinário.

Então a gente leva até
pessoas com bolsa, animais...

A gente dá um jeito,
se ajeita,
e consegue subir.

§ Fundo musical animado §

[Pedro Vicente]

Os caras que são mototaxistas
aqui no Vidigal,
eles são do Vidigal
ou eles são do Rio?

[Fabricio]

A nossa principal qualidade
é que todos nós moramos aqui.

[Pedro e Fabricio]

- No Vidigal.

- Todo mundo mora aqui.

[Fabricio]

E procuramos usar sempre
o serviço daqui.

O serviço de restaurante,
de mercado, entendeu?

O serviço até mesmo
das festas...

A gente procura fazer com que
nosso dinheiro circule aqui,
porque a senhora

que vende a comida
no qual vou lá comer
é a que desce amanhã comigo
pra levar a filha na escola.
Então a gente
vai sempre fazendo
a nossa moeda
movimentar aqui dentro.

§ Fundo musical de ação §

§

§

[Pedro Vicente]

O Brasil não tinha
motocicleta

até os anos 60, é isso?

[Eduardo]

É, até os anos 70,
mais ou menos.

[Pedro Vicente]

Até os anos 70 era
um número mínimo, irrisório.

[Eduardo]

Era caro, importado,
e, portanto, era usado
pela elite do país
que gostava
de motocicletas.

Eram, em geral,

motocicletas europeias.

[Pedro Vicente]

E quando deixou de ser
um veículo de elite,
de passeio,
pra se tornar um veículo
de mobilidade urbana,
com utilidade pública, né?

[Eduardo]

Começou na década de 80
com a permissão de que
a indústria de motocicleta
se instalasse
na Zona Franca de Manaus.

E isso permitiu...

que o custo
dela fosse menor,
porque produzir lá
é mais barato, né?

O segundo foi permitir
a compra da motocicleta
num número muito grande
de prestações.

A terceira foi cobrar
juros mais baixos
pra comprar motocicleta...

Tudo pra facilitar a compra:
"É muito fácil comprar
uma motocicleta".

Então, se tá na dúvida

da bicicleta
e consegue uma moto pequena
é muito mais conveniente.

[Lurdes]

Meu nome é Lurdes,
eu moro em Santana.
Sou empresária
da área contábil,
tenho 54 anos, casada,
um filha de 6 aninhos.

Eu venho pra cá,
eu venho de moto...

com uma "Scooter".

Pela agilidade.
Então eu saio de Santana,
pego a Tiradentes,
até a Praça da Bandeira.

Eu sempre gostei
de moto,
desde os meus 20 anos
eu tenho moto.
Eu usava só pra passeios
e em dia de rodízio.

Mas, como eu fui mãe, aí...

Eu fui mãe solteira.

Eu não tinha quem pegasse
a minha filha na escola...

E de carro não dava tempo
de eu sair do meu escritório
e chegar até a escolinha.

Aí, optei pela moto
pela agilidade.

A sensação que eu tenho
quando venho pra cá de moto,
eu olho pros carros e falo:

"Coitado desse pessoal
que tá aí parado.

"Vai ficar horas aí.

Olha como eu tô...

"muito à frente,
muito mais ágil.

Vou chegar lá bem antes".

[Homem]

E quando você vem de carro?

Quando venho de carro,
eu fico empapuçada
dentro do carro

porque não anda aquilo!

Fico parada, vai ficando
irritado, impaciente.

[Fabricio]

Acho muito importante

o serviço de mototáxi
numa comunidade
porque, às vezes,
o rapaz, o adolescente,
ele não teve
oportunidades na vida,
não veio de uma família
com muitas oportunidades.

Toda pessoa tem
uma história a contar,
e a gente... o nosso país
peca nisso.

O nosso país
não quer saber
a história do negro
de comunidade.

O país parece
que quer saber
qual foi a besteira
que ele fez.

Não tem um trabalho
social por trás
da vida daquela pessoa.

E o mototáxi,
ele abre essa porta.

Mas conheço pessoas
que, se não fosse o mototáxi,
hoje em dia estaria
numa vida
que não seja boa
pra população, entendeu?

Isso, a própria mídia
já nos vê como...
um meio que...
um possível
traficantezinho, entendeu?
Na hora que o tiro pega,
eles vão saber que
a gente é de família
quando tá todo mundo
lá no velório,
tá todo mundo
fazendo a manifestação.
Porque a gente vê
as famílias descendo pra rua
com cartazes e gritando.
A gente entende
porque a gente vê
que a nossa família faria
o mesmo por nós,
porque sabe que a gente
é trabalhador.
Quando acontece
uma besteira,
aí, supostamente,
era um traficante.
Mas não era, era uma pessoa
trabalhadora, de bem.

[Reinaldo]

Motoboy tá aqui,
quebrando ossos

pra sustentar a família,
correndo.

E os caras,

eles vinculam

o cara que rouba

de moto com motoboy.

Né? Não conheço ninguém

que sai de casa às 7h,

debaixo de sol, de chuva,

de frio, de vento...

... pra roubar.

Ele espera a melhor hora.

Motoboy, não.

Motoboy sai pra trabalhar.

Tomar enquadra é difícil.

Os caras pensa

que você é ladrão,

já trata você como ladrão: "Desce da moto, ladrão!".

Não gosto nem de ficar

falando desses caras,

esses caras aí

é horrível. É terrível.

Nós evita.

Evita de verdade...

passar até perto

ou precisar.

Não quero nunca precisar

desses caras, porque não dá.

[Bruno]

O cara que faz

o seu trampo direito,

ele tem que pensar
em fugir da polícia
e do ladrão de moto.
Polícia, porque tem
casos abusivos...
Abusivos de fiscalização
em cima da moto
que não interferem em nada,
que é pra cumprir meta
de moto pra ir pro pátio.
E ladrão de moto que, quando
comecei a andar em 1997,
você não tinha tanto
roubo de moto.
E rolava uma camaradagem
entre as motos.
Você andava, todo mundo
se cumprimentava.
Ladrão que roubava moto
ficava meio cercado,
todo mundo ficava meio
esperto, corria trás.
Hoje em dia, não.
Você não sabe
se o cara que cola
do seu lado com outro
na garupa vai te tomar.

[Eduardo]

A indústria fatura
10 bilhões de reais por ano.

É um monte
de dinheiro, certo?
Então, você tá lidando
com um setor
poderoso, de alguma
maneira, rico,
e que deveria contribuir
muito mais
pro problema
que foi causado.
Quando você não fala
nada de segurança,
o que sai na televisão
é a liberdade da moto e etc,
que as pessoas
se entusiasmam.
Ninguém disse a ela
que a chance dela morrer
é 10 vezes superior do que
entrando num carro, ônibus...
Isso é muito
interessante mesmo,
porque aconteceu
com o cigarro.
Eu tava brincando,
mas o cigarro
é um produto que se vende
e se avisa: "Ó, isso...
A probabilidade de você
se machucar é grande".
E a moto precisava

de uma dessa também, né?

[Eduardo]

Acho que sim. Não precisa
ser um discurso terrorista.

Tem que ser um discurso
de cidadania.

Quando a pessoa for educada
na escola de motocicleta,
ela tem que entender,
tem que ser informada
do nível de risco daquilo.

Como se ela tivesse sendo
treinada pra alpinismo.

[Pedro Vicente]

Você citou números
impressionantes.

2 milhões de incapacitados,
240 mil mortes
nos últimos 15 anos,
12 mil mortos por ano
no Brasil...

Você tem mais alguns...
pra gente se alegrar um pouco?

De motocicleta não tenho,
não, nenhum.

Isso aí não tem jeito.

Não tem como?

Não tem como.

Números positivos?

Não. Não tem.

O único...

Não, não tem.

Não tem, porque continua
crescendo a frota
com as mesmas
precariedades, em geral.

O número de 12 mil mortos
ainda não diminuiu.

Provavelmente ele diminuirá
daqui a pouco.

Porque a própria sociedade
vai... também...

As pessoas vão vivenciando...

e, a partir

de um certo momento,

isso aconteceu

no mundo todo.

Qualquer processo

de introdução de um novo...

Uma nova máquina,

uma nova...

Que tenha relação

com a vida das pessoas,

se não for bem...

Se a introdução

dessa nova máquina

não for bem calibrada,

as pessoas começam

a se machucar muito no início,

mas depois de 10, 15 anos,

a sociedade aprendeu

a não se machucar tanto...

Aí diminui.

A curva da moto

ainda é ascendente.

Eu imagino que,

daqui a alguns anos,

talvez comece a diminuir.

Seria uma boa notícia,

mas...

O passado... quer dizer,

o que ficou,

é uma coisa...

que não tem mais solução.

§ Fundo musical animado §

§

§

§

§

§

§